



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI

AUDIÊNCIA GERAL

Praça de São Pedro

Quarta-feira, 24 de Junho de 2009

Ano Sacerdotal

Caros irmãos e irmãs

Na sexta-feira passada, 19 de Junho, solenidade do Sacratíssimo Coração de Jesus e Dia tradicionalmente dedicado à oração pela santificação dos sacerdotes, tive a alegria de inaugurar o Ano sacerdotal, proclamado por ocasião do sesquicentenário do "nascimento no Céu" do Cura d'Ars, São João Baptista Maria Vianney. E entrando na Basílica do Vaticano para a celebração das Vésperas, quase como primeiro gesto simbólico, detive-me na Capela do Coro para venerar a relíquia deste santo Pastor de almas: o seu coração. Por que motivo um Ano sacerdotal? Por que precisamente na recordação do Santo Cura d'Ars que, aparentemente, nada realizou de extraordinário?

A Providência Divina fez com que a sua figura fosse posta ao lado da de São Paulo. Com efeito, enquanto está prestes a terminar o Ano paulino, dedicado ao Apóstolo das nações, modelo de evangelizador extraordinário que realizou diversas viagens missionárias para difundir o Evangelho, este novo Ano jubilar convida-nos a olhar para um pobre camponês que se tornou um pároco humilde, consagrado ao seu serviço pastoral num pequeno povoado. Se os dois Santos diferem muito pelos percursos de vida que os caracterizaram – um passou de região em região para anunciar o Evangelho, o outro recebeu milhares e milhares de fiéis, permanecendo sempre na sua pequena paróquia – contudo existe algo de fundamental que os irmana: e é a sua identificação total com o próprio ministério, a sua comunhão com Cristo que levava São Paulo a dizer: "Estou crucificado com Cristo! Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" (Gl 2, 19-20). E São João Maria Vianney gostava de reiterar: "Se tivéssemos fé, veríamos Deus escondido

no sacerdote como uma luz por detrás do vidro, como o vinho misturado com a água". A finalidade deste Ano sacerdotal, como escrevi na Carta enviada aos sacerdotes para esta ocasião é, portanto, favorecer a tensão de todo o presbítero para a perfeição espiritual da qual depende sobretudo a eficácia do seu ministério, e ajudar em primeiro lugar os presbíteros, e com eles todo o Povo de Deus, a redescobrir e revigorar a consciência do dom de Graça extraordinário e indispensável que o ministério ordenado representa para quem o recebeu, para a Igreja inteira e para o mundo, que sem a presença real de Cristo seria perdido.

Indubitavelmente, mudaram as condições históricas e sociais em que veio a encontrar-se o Cura d'Ars, e é justo perguntar-se como podem os sacerdotes imitá-lo na identificação com o seu próprio ministério nas sociedades globalizadoras contemporâneas. Num mundo em que a visão conjunta da vida abrange cada vez menos o sagrado, em cujo lugar a "funcionalidade" se torna a única categoria decisiva, a concepção católica do sacerdócio poderia correr o risco de perder a sua consideração natural, às vezes inclusive no interior da consciência eclesial. Não raro, quer nos ambientes teológicos, quer também na prática pastoral concreta e de formação do clero, confrontam-se e por vezes opõem-se dois conceitos diferentes de sacerdócio. A este propósito, salientei há alguns anos que existem "por um lado uma concepção social-funcional que define a essência do sacerdócio com o conceito de "serviço": o serviço à comunidade, no cumprimento de uma função... Por outro lado, existe a concepção sacramental-ontológica que, naturalmente, não nega a índole de serviço do sacerdócio mas, ao contrário, vê-a ancorada no ser do ministro e considera que este ser é determinado por um dom concedido pelo Senhor através da mediação da Igreja, cujo nome é sacramento" (J. Ratzinger, *Ministero e vita del Sacerdote*, em *Elementi di Teologia fondamentale. Saggio su fede e ministero*, Bréscia 2005, pág. 165). Também a passagem terminológica da palavra "sacerdócio" para os termos "serviço, ministério e encargo", é sinal desta concepção diferente. Além disso à primeira, a ontológico-sacramental, está vinculado o primado da Eucaristia, no binómio "sacerdócio-sacrifício", enquanto à segunda corresponde o primado da palavra e do serviço do anúncio.

Considerando bem, não se trata de duas concepções opostas, e a tensão que contudo existe entre elas deve ser resolvida a partir de dentro. Assim o Decreto Presbyterorum ordinis, do Concílio Vaticano II, afirma: "Com efeito, é pela mensagem apostólica do Evangelho que se convoca e congrega o Povo de Deus, de modo que todos... se ofereçam a si mesmos como "hóstia viva, santa e agradável a Deus" (*Rm* 12, 1). Mas é precisamente pelo ministério dos sacerdotes que se consuma o sacrifício espiritual dos fiéis, em união com o sacrifício de Cristo, único Mediador que, em nome de toda a Igreja, é pelos mencionados sacerdotes oferecido incruenta e sacramentalmente na Eucaristia, até que o próprio Senhor venha" (n. 2).

Então, interroguemo-nos: "O que significa propriamente, para os sacerdotes, evangelizar? Em que consiste o chamado primado do anúncio?". Jesus fala do anúncio do Reino de Deus como da verdadeira finalidade da sua vinda ao mundo e o seu anúncio não é apenas um "discurso". Inclui, ao mesmo tempo, o seu próprio agir: os sinais e os milagres que realiza indicam que o Reino vem

ao mundo como uma realidade presente, que em última análise coincide com a sua própria pessoa. Neste sentido, é importante recordar que, também no primado do anúncio, palavra e sinal são indivisíveis. A pregação cristã não proclama "palavras", mas a Palavra, e o anúncio coincide com a própria pessoa de Cristo, ontologicamente aberta à relação com o Pai e obediente à sua vontade. Portanto, um serviço autêntico à Palavra exige da parte do sacerdote que tenda para uma aprofundada abnegação de si mesmo, a ponto de dizer com o Apóstolo: "Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim". O presbítero não pode considerar-se "senhor" da palavra, mas servo. Ele não é a palavra mas, como proclamava João Baptista, cuja Natividade celebramos precisamente hoje, é "voz" da Palavra: "Voz que brada no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas" (*Mc* 1, 3).

Pois bem, ser "voz" da Palavra não constitui para o sacerdote um mero aspecto funcional. Pelo contrário, pressupõe um substancial "perder-se" em Cristo, participante no seu mistério de morte e de ressurreição com todo o próprio eu: inteligência, liberdade, vontade e oferta do próprio corpo, como sacrifício vivo (cf. *Rm* 12, 1-2). Somente a participação no sacrifício de Cristo, na sua *kénosi*, torna autêntico o anúncio! E este é o caminho que deve percorrer com Cristo para chegar a dizer ao Pai, juntamente com Ele: "não se faça o que Eu quero, mas o que tu queres" (*Mc* 14, 36). Então, o anúncio comporta sempre também o sacrifício pessoal, condição para que o anúncio seja genuíno e eficaz.

Alter Christus, o sacerdote está profundamente unido ao Verbo do Pai que, encarnando, assumiu a forma de servo, se tornou servo (cf. *Fl* 2, 5-11). O presbítero é servo de Cristo, no sentido que a sua existência, ontologicamente configurada com Cristo, adquire uma índole essencialmente relacional: ele vive *em* Cristo, *por* Cristo e *com* Cristo ao serviço dos homens. Precisamente porque pertence a Cristo, o presbítero encontra-se radicalmente ao serviço dos homens: é ministro da sua salvação, nesta progressiva assunção da vontade de Cristo, na oração, no "estar coração a coração" com Ele. Assim, esta é a condição imprescindível de cada anúncio, que exige a participação na oferenda sacramental da Eucaristia e a obediência dócil à Igreja.

Com as lágrimas nos olhos, o Santo Cura d'Ars repetia com frequência: "Como é assustador ser sacerdote!". E acrescentava: "Como é lastimável um sacerdote que celebra a Missa como se fosse um facto ordinário! Como é desventurado um sacerdote sem vida interior!". Possa o [Ano sacerdotal](#) levar todos os presbíteros a identificar-se totalmente com Jesus crucificado e ressuscitado para que, à imitação de São João Baptista, estejam prontos a "diminuir" a fim de que Ele cresça; a fim de que, seguindo o exemplo do Cura d'Ars, sintam de maneira constante e profunda a responsabilidade da sua missão, que é sinal e presença da misericórdia infinita de Deus. Confiemos a Nossa Senhora, Mãe da Igreja, o Ano sacerdotal há pouco iniciado e todos os sacerdotes do mundo.

Dirijo uma cordial saudação à Delegação chefiada pela Subsecretária da Organização das Nações Unidas e Representante especial para as crianças em situações de conflito armado. Ao manifestar-lhe, bem como às pessoas que a acompanham, o profundo apreço pelo compromisso em defesa da infância vítima da violência e das armas, penso em todas as crianças do mundo, de modo particular naquelas que estão expostas ao medo, ao abandono, à fome, aos abusos, à enfermidade e à morte. O Papa está próximo de todas estas pequenas vítimas e recorda-as sempre na oração.

No dia 24 de Junho de há 150 anos nascia a ideia de uma grande mobilização para a assistência às vítimas das guerras, que em seguida receberia o nome de Cruz Vermelha. Ao longo dos anos, os valores de universalidade, neutralidade e independência do serviço suscitaram a adesão de milhões de voluntários em todas as partes do mundo, formando um importante baluarte de humanidade e de solidariedade em muitos contextos de guerra e de conflito, assim como em muitas emergências. Enquanto formulo votos para que a pessoa humana, na sua dignidade e na sua integridade, esteja sempre no centro do compromisso humanitário da Cruz Vermelha, encorajo especialmente os jovens a empenhar-se de forma concreta nesta Instituição benemérita. Aproveito este ensejo para pedir a libertação de todas as pessoas raptadas nas regiões de conflito e, novamente, a libertação de Eugenio Vagni, agente da Cruz Vermelha nas Filipinas.

Amados peregrinos de língua portuguesa, uma cordial saudação de boas-vindas para todos, nomeadamente para o grupo de Famões e os paroquianos de Espinho, confiando às vossas preces de modo particular os sacerdotes, neste ano a eles dedicado, para que sejam, a exemplo do Santo Cura d' Ars, sinal e presença da infinita misericórdia de Deus no meio dos seus irmãos. Sobre vós e vossas famílias, desça a minha Bênção.

© Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana